Felicitas Bauer Barreto – Vida e Legado

Felicitas Meyer Bauer, posteriormente conhecida como **Felicitas Bauer Barreto,** destacou-se como bailarina, coreógrafa, indigenista, folclorista, enfermeira e modelo. Uma artista à frente de seu tempo, sua versatilidade e talento lhe permitiram brilhar em diversas áreas artísticas. Grande parte de sua vida foi dedicada a conviver com povos indígenas da América do Sul, onde viajou extensivamente para estudar e registrar suas culturas. Ao desafiar os estereótipos e expectativas femininas de sua época, ela se tornou uma pioneira na defesa da preservação cultural e ambiental, deixando um legado de pioneirismo e dedicação à diversidade cultural.

Nascida em **31 de agosto de 1910**, de origem alemã, naturalizou-se brasileira em 10 de julho de 1948.

Filha de **Nikolaus Felia Baer e Josepha Lionor Meyer**, casou-se com **Calmon Barreto** em **18 de maio de 1934**, adotando o sobrenome **Bauer Barreto**. Era parente do renomado cirurgião alemão Ferdinand Sauerbruch (**O Globo, 12 de agosto de 1975**).

Desde cedo, Felicitas demonstrou interesse pelas artes. Foi bailarina clássica e estudou no **Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro**. Em **1928**, foi elogiada por **Ana Pavlova**, uma das mais célebres dançarinas de todos os tempos (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**). Além da dança, dedicou-se à pintura e foi discípula de artistas renomados como **Augusto Bracet, Oswaldo Teixeira e Rodolfo Chambelland** (**Jornal do Brasil, 23 de março de 1971**).

Em **1949**, fundou o **primeiro corpo de ballet folclórico do Brasil**, trazendo danças tradicionais brasileiras para os palcos e promovendo a cultura popular. No entanto, seu maior fascínio era a vida indígena, e ela acabou abandonando sua carreira artística para se dedicar ao estudo dos povos nativos (**O Globo, 12 de agosto de 1975**).

Expedições

Felicitas Barreto passou **mais de 30 anos vivendo entre tribos indígenas**, estudando suas culturas, danças e rituais. Durante suas expedições, conviveu com os **Cunas, Chocos, Guaymis, Katios, Guajiros, Motilones, Aruhacos, Tiriós, Apaláis e Wayanas**, registrando tradições e modos de vida em seus escritos e pinturas (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**). Realizou viagens de longa duração, incluindo uma expedição de

três anos e meio pela América Central, México e parte do norte da América do Sul (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**). Durante essas viagens, coletou uma vasta documentação sobre os povos indígenas e acumulou mais de 3.000 fotografias de folclore, tradições, costumes e rituais. Alegava que algumas dessas práticas nunca haviam sido registradas por exploradores brancos antes (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**).

Sua pesquisa chamou a atenção do **pesquisador suíço Erich von Däniken**, conhecido por suas teorias sobre contatos entre civilizações antigas e extraterrestres. Felicitas documentou e fotografou inscrições rupestres e artefatos que, segundo Däniken, poderiam indicar interações entre povos indígenas e seres de outros planetas (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).

Controvérsias com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio)

O **General Ismar Araújo**, então presidente da **FUNAI**, foi um dos maiores críticos de Felicitas Barreto. Em **1976**, ele tentou expulsá-la da tribo onde vivia, alegando que sua presença influenciava negativamente os indígenas e dificultava as ações da FUNAI na região. Para ele, a defesa que Felicitas fazia do isolamento dos indígenas ignorava os desafios reais que essas comunidades enfrentavam, como doenças, exploração externa e falta de acesso a recursos básicos. Segundo Araújo, a incorporação gradual dos indígenas à sociedade moderna era a única forma de garantir melhores condições de vida para essas populações (**Correio da Manhã, 6 de fevereiro de 1976**).

Felicitas rebateu as acusações, argumentando que a FUNAI não protegia verdadeiramente os indígenas e que seus esforços estavam mais alinhados a interesses políticos e econômicos do que à preservação das culturas nativas. Para ela, os povos indígenas tinham o direito de decidir seu próprio destino sem imposições externas, e a interferência governamental estava acelerando a destruição de suas culturas. Felicitas chegou a afirmar que a civilização ocidental causava mais danos aos povos indígenas do que qualquer epidemia ou ameaça natural (**Correio da Manhã, 6 de fevereiro de 1976**).

Em diversas entrevistas, criticou fortemente a atuação do órgão, acusando-o de **acobertar a exploração dos indígenas** por grileiros e seringalistas e de impor políticas que desconsideravam a vontade das próprias comunidades indígenas. Segundo ela, a FUNAI era parte do problema, e não da solução (**Jornal do Brasil, 23 de março de 1971**).

"O paternalismo com que as autoridades tentam resolver o problema indígena chega a ser patético." (**O Globo, 12 de agosto de 1975**).

A FUNAI, por sua vez, **considerava Felicitas uma "falsa indigenista"** e chegou a investigá-la, questionando suas atividades e métodos. Em documentos da época, o órgão **suspeitava que suas expedições e estudos não seguiam protocolos oficiais** e buscava determinar onde ela vivia e com quais tribos mantinha contato (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**).

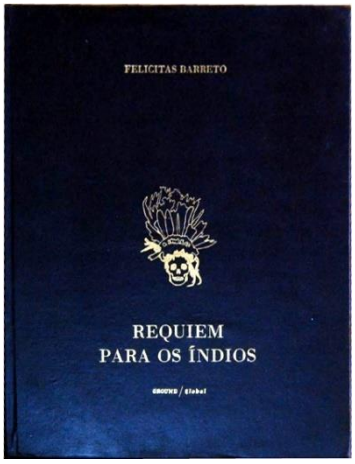
O conflito entre Felicitas e a FUNAI refletia um embate maior sobre a preservação dos povos indígenas: enquanto o governo defendia a **integração gradual** dessas comunidades à sociedade moderna, Felicitas argumentava que a melhor forma de protegê-los era **mantê-los isolados e resguardados das influências externas** (**Jornal do Brasil, 23 de março de 1971**).

Essa controvérsia tornou Felicitas uma figura polêmica entre antropólogos e defensores dos direitos indígenas. Enquanto alguns admiravam seu comprometimento e profundo envolvimento com as tribos, outros viam sua abordagem como **romantizada e impraticável**. No entanto, sua vivência de **30 anos entre os indígenas**, sua dedicação à pesquisa e à preservação cultural deram-lhe reconhecimento como uma das figuras mais marcantes nesse debate (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).

Essa controvérsia a tornou uma figura polêmica no meio antropológico e entre os defensores dos direitos indígenas. Enquanto alguns admiravam seu comprometimento e profundo envolvimento com as tribos, outros viam sua abordagem como **romantizada e impraticável** para a realidade complexa da proteção dos povos indígenas no Brasil. No entanto, sua vivência de 30 anos entre os indígenas, sua dedicação à pesquisa e à preservação cultural deram-lhe reconhecimento como uma figura importante nesse meio (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).

Obras Publicadas

Felicitas escreveu vários livros sobre suas experiências com os povos indígenas. Entre suas obras mais conhecidas estão:



- **"Danças do Brasil"** (1959) – Um estudo sobre as danças folclóricas e indígenas do país (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**).
- **"Réquiem para os Índios"** – Publicado com prefácio de **Erich von Däniken**, autor de "Eram os Deuses Astronautas?", onde ela relata suas vivências entre os indígenas e discute sua visão sobre a decadência das culturas nativas (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).
- **"Oko-Kuri"** – Um livro de ilustrações sobre costumes indígenas, nomeado em homenagem ao seu tucano de estimação, presenteado por um cacique (**O Globo, 12 de agosto de 1975**).

Citações de Felicitas Barreto

- **"Estou segura que graças às minhas aptidões artísticas, conquistei simpatia e amizade entre os indígenas. Eles respeitam um artista, mesmo quando é um inimigo."** – O Cruzeiro Internacional, 16 de março de 1963.
- **"O homem que se diz civilizado tem muito a aprender com os índios."** – Correio da Manhã, 15 de julho de 1973.
- **"Os índios trabalham muito. Algumas pessoas acham que são preguiçosos, o que é um grande equívoco."** – Jornal do Brasil, 23 de março de 1971.
- **"Eu não vou. Acho que continuarei por aqui."** – Sobre sua decisão de permanecer entre os indígenas em Roraima, O Globo, 12 de agosto de 1975.
- **"A dança é uma higiene mental, única salvação no meio dessa civilização poluída."** – Sobre seu retorno temporário à dança aos 70 anos, Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978.
- **"A civilização destruiu os povos indígenas mais do que qualquer epidemia."** – Crítica à interferência ocidental nas culturas indígenas, Correio da Manhã, 15 de julho de 1973.
- **"Os indígenas são puros, solidários e vivem em harmonia com a natureza. O mundo civilizado deveria aprender com eles."** – O Globo, 12 de agosto de 1975.

Ativismo e a ONG Fauna Free

Felicitas também foi presidente da **ONG Fauna Free** no Brasil, que lutava pela preservação dos ursos, especialmente em países onde eram vítimas de exploração e maus-tratos. Seu trabalho incluía campanhas de conscientização e esforços para pressionar governos a adotarem políticas de proteção para esses animais (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).

Resumo da carta "Terras dos Índios"

Na carta enviada ao *Jornal do Brasil*, Felicitas B. Barreto critica a concessão de indenizações a ocupantes que invadiram terras indígenas e, ao serem obrigados a sair, exigem compensação financeira pelos chamados "benfeitorias" que realizaram. A autora denuncia que essas ocupações frequentemente resultam em desmatamento, destruição da fauna e poluição dos rios, prejudicando os verdadeiros donos das terras: os indígenas.

Ela argumenta que, enquanto se discute a indenização de invasores, não há preocupação com o impacto ambiental causado por eles. Felicitas enfatiza que os indígenas dependem da natureza para sua sobrevivência e que sua relação com a terra não é de destruição, mas de preservação. A carta também condena a hipocrisia de certos setores da sociedade, que se indignam com invasões territoriais entre países, mas silenciam ou apoiam a invasão das terras indígenas no Brasil.

Por fim, a autora destaca que a civilização ocidental frequentemente utilizou o pretexto de "evangelização" e "civilização" para subjugar povos indígenas, questionando essa lógica e defendendo o direito dos povos originários a suas terras, garantido pela Constituição.

Fonte: Barreto, Felicitas B. "Terras dos Índios". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, seção "Cartas".

Vida Pessoal e Últimos Anos

Apesar de rumores sobre um possível casamento com o cacique **Kalapalo Aparabe**, de uma aldeia da Serra do Tumucumaque, Felicitas desmentiu esses boatos. Ela afirmou que recebeu um convite de casamento, mas nunca aceitou a união. Seu vínculo com os povos indígenas era, segundo ela, de respeito cultural e aprendizado mútuo (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**).

Felicitas viveu em um **apartamento em Copacabana**, no Rio de Janeiro, onde passou parte de sua velhice. Nos anos 1970, ela cuidava de sua **mãe idosa** de 83 anos que estava hospitalizada, uma das coisas que a impedia de retornar à aldeia (**Correio da Manhã, 15 de julho de 1973**).

Ela criou um **tucano chamado Oko-Kuri**, presente do cacique, e o tratava como um filho. Segundo ela, o pássaro a salvou de um possível assalto no Rio de Janeiro, pois, ao perceber a presença dos criminosos, começou a gritar e espantar os assaltantes (**O Globo, 12 de agosto de 1975**).

Felicitas continuou lutando pela preservação das culturas indígenas e dedicou-se à pintura, expondo quadros inspirados na floresta amazônica (**Diário de Notícias, 10 de novembro de 1978**).

Nos últimos anos de sua vida, Felicitas Barreto expressou abertamente seu desejo de retornar definitivamente para a selva. Afirmou que voltaria para a selva e que não via mais sentido em viver na civilização (**Jornal do Brasil, 2 de abril de 1979**).

Felicitas Meyer Bauer, faleceu no dia 17 de janeiro de 2003 na sua casa, no Rio de Janeiro.